

2 AHV/AVS: Não à subida da idade de reforma das mulheres

3 31.10.2020: Jornada de luta nos sectores essenciais

4 Cursos para trabalhadores da construção portugueses e espanhóis

Nr. 5 | setembro 2020 | português

Sai como suplemento do jornal «work» | Redacção T +41 31 350 21 11, F +41 31 350 22 11 | info@unia.ch | www.unia.ch T +41 31 350 21 11, F +41 31 350 22 11 | info@unia.ch | www.unia.ch

Encontro de associações de migrantes contra a iniciativa de rescisão

Juntos contra a perigosa iniciativa do SVP/UDC!



Pintura de parede, um trabalho conjunto da pintora chilena Tamara Carrasco e dos participantes do encontro © Ibrahim Öztürk

A iniciativa de rescisão do SVP/UDC é falsa. Os seus iniciantes dizem que querem limitar a imigração. Na verdade, querem muitos migrantes sem direitos e trabalhadores sem protecção. É um jogo perigoso, especialmente em tempos incertos e de crise. Os representantes das associações de migrantes apelam a todos os eleitores para que derrotem claramente esta perigosa iniciativa.

Hilmi Gashi

Vania Alleva, presidente do Unia e vice-presidente da União de Sindicatos Suíços, salientou no seu discurso de boas-vindas a importância da mobilização contra a iniciativa. Deixou claro que «A iniciativa do SVP/UDC ataca os nossos direitos como trabalhadores e os nossos salários. Ataca o direito à liberdade de estadia na Suíça e de viver aqui com a família».

Temos de deixar muito claro que não queremos voltar à «Suíça das barracas». Não queremos voltar a uma época em que centenas de milhares de pessoas tinham de trabalhar em péssimas condições laborais. Não queremos voltar a uma Suíça onde as crianças tinham de ser escondidas.

Vania Alleva apelou aos presentes para se mobilizarem, apesar da pandemia. Porque «no dia 27 de Setembro temos de enviar um forte sinal contra esta

desumana iniciativa. Nas nossas associações, com os nossos filiados!»

O SVP/UDC quer rescindir a livre circulação de pessoas

Fabian Molina, Conselheiro Nacional do PS, afirmou no seu discurso: «Esta iniciativa é muito mais radical e perigosa do que a iniciativa 'contra a imigração em massa'. O SVP/UDC diz que quer limitar a imigração. Na verdade, quer pôr termo à livre circulação de pessoas». Segundo Molina, trata-se de um jogo perigoso com os empregos e a protecção salarial em tempos difíceis e de crise económica. Um terço dos lucros suíços são ganhos com as relações comerciais com a UE. Além disso, mais de 450 000 suíços «vivem, trabalham, estudam e pesquisam num país da UE e também beneficiam, por isso, da livre circulação de pessoas», sublinhou Molina.

A abolição da livre circulação de pessoas colocaria em perigo as medidas de acompanhamento. Com elas temos um instrumento que permite proteger os salários na Suíça, declarar rapidamente a força de obrigatoriedade geral dos contratos colectivos de trabalho. E isso incomoda os multimilionários do SVP/UDC. A multimilionária Martullo Blocher quer trabalhadores com salários mais baixos e sem protecção.

Por uma sociedade aberta e solidária

Para Molina, a votação é também uma questão de valores. Porque todos na Suíça dão uma contribuição importante. «O mundo não acontece apenas dentro destas pequenas fronteiras. Somos um país com pessoas que têm relações em todo o mundo. O isolamento não é a solução. Uma Suíça aberta e solidária é a receita para o sucesso futuro», disse ele.

Para terminar, o jovem Conselheiro Nacional afirmou que aquilo de que precisamos não é de uma política de retrocesso, mas soluções inovadoras para a transformação estrutural do mercado de trabalho, sobretudo tendo em vista a digitalização.

O manifesto das associações de migrantes

Na sequência das discussões, foi também adoptado o manifesto das associações de migrantes contra a iniciativa de rescisão do SVP/UDC. Mattia Lento, jornalista e activista, declarou: «O manifesto é um documento importante no qual mostramos a importância da contribuição dos migrantes para o sucesso económico, cultural e social da Suíça». O manifesto marca uma forte posição por uma Suíça aberta e solidária.

Editorial



©Arben Llapashtica

Solidariedade em vez de exclusão

A política de «dividir para reinar» do SVP/UDC tem método. Quem manda no partido são os multimilionários. Mas estes têm muitos ajudantes no Parlamento, na administração e nos meios de comunicação social. Eles seguem um objectivo claro: dismantlar contratos colectivos de trabalho, reformas da AHV-AVS, a protecção salarial, etc., isto é, as conquistas sociais obtidas pelos trabalhadores através de muitas lutas. E não se coíbem de utilizar iniciativas pérfidas, como é a «Iniciativa de rescisão».

A livre circulação de pessoas, que acabou com o desumano estatuto dos saisonniers, incomoda os multimilionários do SVP/UDC. Graças a ela, já não é tão fácil ir buscar pessoas para trabalhar, explorá-las e depois enviá-las para casa quando já não são necessárias. A UE e os migrantes são para os multimilionários uma ameaça. Porque um mundo aberto e livre é uma negação do seu mundo explorador e desigual. Além disso, eles não suportam sindicatos fortes que lutam pelos nossos direitos.

A iniciativa permite-lhes destruir as conquistas dos trabalhadores. Com vídeos, jornais e anúncios, o SVP/UDC ataca ressentimentos e preconceitos. Estas permanentes campanhas xenófobas impõem um discurso reaccionário e um espírito de direita. Cabe-nos a nós, forças progressistas e de esquerda, dizer «basta!», para acabar com esta política de divisão. Para o bem da Suíça. Só o conseguiremos se discutirmos, de forma aberta e corajosa, questões como a importância política e social da migração, solidariedade e democracia.

Um sinal forte seria um claro «não» à iniciativa de rescisão no dia 27 de Setembro.

Hilmi Gashi

Notícias breves

Têxteis Lantal AG suprime 55 em vez de 75 postos de trabalho

A empresa têxtil Lantal reduziu 55 em vez dos 75 postos de trabalho inicialmente anunciados. Graças ao empenho dos trabalhadores, da comissão de pessoal e do Unia no procedimento de consulta, foram salvos 20 postos de trabalho. Os trabalhadores conseguiram negociar um plano social para as pessoas afectadas pelo despedimento. A Lantal tem de assegurar a manutenção da produção, a longo prazo, em Langenthal e Melchnau. O Unia continuará a acompanhar de perto os trabalhadores e a comissão de pessoal e seguirá a evolução futura.

Pessoal da Orsay exige indemnização

Vão fechar dez das onze lojas Orsay na Suíça. 55 pessoas ficam sem trabalho. Após um procedimento de consulta marcado por irregularidades, a direcção afastou as propostas feitas pelo pessoal para evitar despedimentos. Rejeitou também um plano social. Isto apesar de, por detrás da Orsay estar a muito abastada família Mulliez. Graças à intervenção do Unia, foi possível evitar, mesmo assim, despedimentos ilegais, nomeadamente de mulheres grávidas. Numa acção de «encerramento de portas», os trabalhadores e o Unia exigiram que a empresa assuma a sua responsabilidade social e compense retroactivamente a perda de salários que os trabalhadores tiveram em consequência do subsídio para horário de trabalho reduzido.

Assédio sexual na formação e no trabalho: é necessário tolerância zero!

O assédio sexual é um problema frequente na formação profissional. Um inquérito da Juventude Unia de 2019 com 800 aprendizes mostra que 80% das mulheres e 48% dos homens entrevistados já foram assediados sexualmente. Cerca de um terço dos casos acontecem no local de trabalho. O assédio sexual e o não respeito dos limites podem ocorrer em diferentes áreas da vida. Isto reflecte o abuso de poder nas relações entre as pessoas. E mantém-se devido à ignorância social e à falta de sanções. É, por isso, necessário fortalecer a posição das vítimas. Empregadores, escolas profissionais e departamentos de formação profissional têm o dever de agir! É importante mostrar que os jovens não estão sozinhos e que se podem defender com a ajuda do sindicato e de outras instituições.

Para tal, o Unia lançou um novo portal online www.belaestigung-in-der-lehre.ch. Ele oferece abordagens concretas para desenvolver e reforçar medidas contra o abuso no mundo do trabalho e no mundo vivencial dos jovens. Os jovens adquirem assim instrumentos de capacitação. Os empregadores e as escolas profissionais podem usar as diretrizes modelo para comunicar e implementar ativamente a tolerância zero ao assédio sexual.



20 000 pessoas assinaram a petição Solidários contra a crise!

Mais de 20 000 trabalhadores assinaram a petição para o pagamento dos salários na totalidade e contra despedimentos. Uma resposta solidária à crise provocada pelo coronavírus é necessária e possível.

Hilmi Gashi

O subsídio para horário de trabalho reduzido, garantido pelo estado durante a crise, destina-se a preservar postos de trabalho e não a aumentar os dividendos das empresas. Cortes de 20% do salário significam uma penalização financeira para os trabalhadores que, normalmente, mal ganham para viver.

Garantia de postos de trabalho!

Apesar das ajudas estatais às empresas, os despedimentos aumentam consideravelmente. Isto é inaceitável. As empresas recebem o apoio para salvar empregos

e continuar a pagar os salários, não para pagarem dividendos aos accionistas.

Salários a 100% para trabalhadores com salários baixos

Quase um milhão de pessoas recebe subsídio para horário de trabalho reduzido, ou seja, 80% do salário normal. O corte de 20% nos salários é, para muitos, difícil de suportar, sobretudo se os salários já são baixos em tempos normais. Na hoteleira e restauração ganha-se em média cerca de 4100 francos ao mês (trabalho a tempo inteiro). 80% do salário corresponde a 3300 francos!

Por isso exigimos:

- Que salários até 5000 francos sejam pagos por inteiro.
- Proibição de despedimentos relacionados com o coronavírus e manutenção dos postos de trabalho.

Pela retoma económica

Agora, é fundamental manter o poder de compra dos trabalhadores com rendimentos baixos e médios. Estes já têm preocupações suficientes com assistência aos filhos, a insegurança no emprego e a saúde de familiares. É importante para os trabalhadores, mas também para a situação económica na Suíça.



Entrega da petição: 80% dos salários é uma redução salarial difícil de suportar

AHV/AVS: Não a desmantelamento às custas das mulheres Por pensões das quais se pode viver

Três anos depois da recusa numa votação popular, em 2017, da primeira proposta para a reforma do sistema de pensões, o governo apresenta com «AHV 21/AVS 21» uma nova proposta de reforma. Esta prevê, uma vez mais, um aumento da idade de reforma das mulheres. Os partidos da direita também planeiam uma reforma do sistema de pensões, a ser financiado pelas mulheres. A União de Sindicatos Suíços (USS) e o Partido Socialista (PS) já anunciaram que vão lutar contra a subida da idade da reforma das mulheres.

Marek Wieruszewski

As propostas do governo e dos partidos da direita baseiam-se na ideia de que o financiamento da AHV/AVS pode ser garantido reduzindo as pensões de reforma. E serão sobretudo as mulheres quem pagará as contas. Um ano depois da greve das mulheres, estas ideias têm algo de cínico.

Mulheres já hoje desfavorecidas

As pensões de reforma tornam a discriminação salarial das mulheres visível. Um terço das mulheres ainda hoje não recebe uma pensão de reforma do segundo pilar, porque ganha menos de 25 000 francos ao ano. «Por isso, as pensões da AHV/AVS são tão importantes para as mulheres», diz Yvonne Feri, conselheira nacional do PS. «E por isso temos de lutar pelo financiamento da AHV/AVS, não reduzir as pensões.»

A idade da reforma é actualmente 64 anos para as mulheres e 65 para os homens. No entanto, só 30% das mulheres trabalham a tempo inteiro nos últimos 10 anos antes de chegar à reforma. Isto apesar de muitas quererem trabalhar mais. Mais de 40% das mulheres que gostariam de trabalhar mais gostariam de passar a ter um trabalho a tempo inteiro, enquanto as restantes 60% gostariam de aumentar a percentagem de trabalho que têm. O facto de ser difícil conciliar a vida familiar e laboral é um dos motivos por que as mulheres trabalham tanto a tempo parcial. Elas reduzem a percentagem de trabalho para cuidar dos filhos, para se ocupar de familiares que necessitem de cuidados ou dos netos. Por isso, as suas reformas são baixas. Um aumento da idade de reforma das mulheres sem mais igualdade no mundo de trabalho não é, por isso, aceitável.

Iniciativa para 13.º mês de AHV/AVS

Porque muitas mulheres só recebem a pensão da AHV/AVS, é importante que estas sejam reforçadas. Por isso, a USS e os sindicatos nela filiados, entre eles o Unia, lançaram uma iniciativa para um 13.º mês de pensão da AHV/AVS. A pensão da AHV/AVS é entre 1185 e 2370 francos ao mês. Estamos num país rico em que as pessoas idosas são pobres. Uma situação vergonhosa que temos de combater juntos. A iniciativa é um primeiro passo para pensões das quais se possa viver.



Racismo e discriminação

Menos palavras e mais acção contra o racismo

Na Suíça, como noutros países, as pessoas de cor têm dificuldades para encontrar alojamento e trabalho, se naturalizarem e serem reconhecidas como cidadãos iguais. São mais vezes presas pela polícia e humilhadas por expressões ou «piadas» racistas.

Marie Saulnier Bloch

Para os racistas, a cor da pele define uma pessoa como «estrangeira». Se não for branca, a pessoa é um cidadão de segunda classe. Ainda há quem não tenha consciência da gravidade do racismo e se mantenha em silêncio.

Há mais de um século que se fala da «excessiva influência da população estrangeira» na Suíça. Mas o racismo pode atingir qualquer um: quem for muçulmano, judeu ou cigano, se tiver um nome jugoslavo, turco, árabe ou se parecer estrangeiro, há uma grande probabilidade de se tornar vítima de racismo a um nível estrutural, institucional e individual.

Se não combatermos o racismo, permitimos a sua propagação. O racismo, como todas as formas de discriminação, não pode ter lugar no trabalho, na formação ou no mercado de habitação... Não pode ter lugar nas nossas vidas! Não se trata de uma questão privada: a luta contra a discriminação é uma luta por justiça social, económica e política.



O movimento «Black Lives Matter» luta pelo fim do racismo

Iniciativas xenófobas são terreno favorável para o racismo

A 27 de Setembro de 2020, vamos votar contra a iniciativa de rescisão, que quer voltar à era dos «estrangeiros indesejados». A campanha do SVP/UDC está recheada de estereótipos racistas. Nós, que na Suíça temos na testa o carimbo de «estrangeiros», com ou sem passaporte, devemos prosseguir unidos e solidários. Queremos condições de vida e de trabalho dignas e justas para todos, sem excepção! Juntos dizemos «Não!» à desigualdade persistente e ao discurso xenófobo do SVP/UDC! Não devemos deixar que nos dividam. Enquanto apenas um ou uma de nós for tratado de forma injusta, a nossa luta continuará. Estamos todos no mesmo barco!

Veja e partilhe o vídeo do Unia contra o racismo «BlackLivesMatter» e associações aliadas:

www.unia.ch/de/arbeitswelt/von-a-z/rassismus.

Dê um passo contra o racismo. Diga «Não!» à iniciativa de rescisão!

Jornada de luta nos sectores essenciais, 31.08.2020

«Acção!» Aplaudir é bom, mas agir é melhor

Os últimos meses mostraram que os trabalhadores dos sectores essenciais garantem o abastecimento básico da Suíça. Sem o empenho de milhares de homens e mulheres, as necessidades essenciais do país não teriam sido garantidas.

Yolande Peisl-Gaillet

Mulheres e migrantes mais afectadas

Nos sectores essenciais trabalham muitas mulheres e muitas pessoas migrantes. A crise da Covid-19 deixou claro que sem estes e estas trabalhadoras, muitos sectores fundamentais, como a saúde, as lojas de bens alimentares e os transportes entrariam em colapso. No entanto, apesar do seu importante trabalho, os trabalhadores destes ramos têm salários baixos e condições laborais precárias. A isto vem juntar-se várias formas de discriminação, entre elas a escandalosa discriminação salarial.

O trabalho dos vendedores, dos prestadores de cuidados e dos trabalhadores da logística/transportes tem um preço – eles merecem mais!

O Unia reivindica:

■ **Aumento salarial: nenhum salário inferior a 4000 francos x 13** (para 40h por semana).

■ **Fim à desregulação e às condições de trabalho precárias: é necessário mais pessoal e mais tempo para fazer o trabalho.**

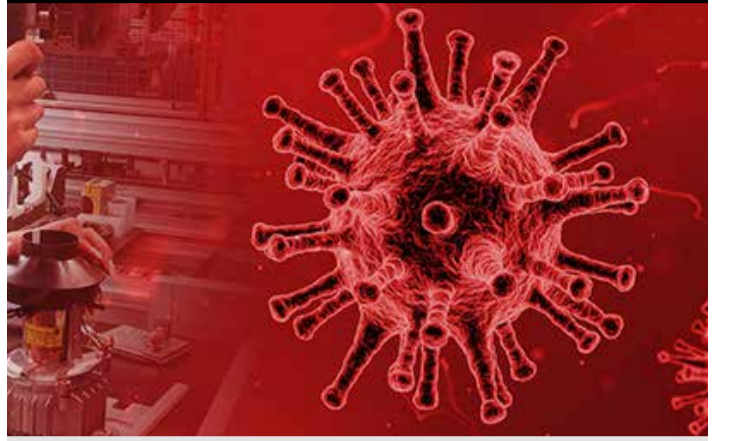
■ **CCTs de força obrigatória geral para toda a Suíça** nos sectores da saúde, de vendas (área de produtos alimentares, incluindo comércio online), logística/transportes.

■ Hoje, como no futuro, a segurança, o respeito e a solidariedade são fundamentais para uma saída justa da crise!

A 31 de Outubro realizam-se acções descentralizadas em toda a Suíça para dar força a estas reivindicações. Tens vontade em participar? Contacta o Unia da tua região

Mais informações em: www.solidaritaet.unia.ch

Covid-19: o direito laboral a partir de 1 de Setembro



Menos protecção para os trabalhadores

A situação no mercado de trabalho continua precária. Apesar disso, o conselho federal reduz a protecção dos trabalhadores: no final de Agosto muitas das medidas de protecção ligadas à pandemia desaparecem.

Subsídio para horário de trabalho reduzido

A partir de 31 de Agosto desaparecem as disposições especiais relativas ao subsídio para horário de trabalho reduzido e voltam a vigorar leis e decretos anteriores ao coronavírus. O período máximo de recepção deste subsídio mantém-se, no entanto, até finais de 2021. O que é válido a partir de 1 de Setembro:

- Todos os trabalhadores para os quais a empresa requeira subsídio para horário de trabalho reduzido têm de confirmar com a sua assinatura que o aceitam.
- As horas extraordinárias têm de ser compensadas.
- Aprendiz, trabalhadores temporários e com contrato a termo, bem como trabalhadores por chamada com horários de trabalho altamente variáveis não têm direito a subsídio para horário de trabalho reduzido. O risco de não voltarem a ter trabalho aumenta consideravelmente.

Desemprego

As disposições relativas ao subsídio de desemprego e às obrigações das pessoas desempregadas mudam no final de Agosto. Isto significa:

- Quem ficar desempregado depois de 1 de Setembro não recebe dias suplementares de subsídio. Mas o direito a dias suplementares mantém-se para o período de 1 de Março a 31 de Agosto 2020. Ex.: Quem tem direito a subsídio diário de desemprego desde 1 de Agosto, recebe 21 dias suplementares de subsídio. Quem recebe subsídio de desemprego desde 1 de Março, tem direito a, no máximo, 120 dias suplementares.
- As provas de procura de emprego têm de voltar a ser apresentadas mensalmente.

Protecção de pessoas do grupo de risco

As medidas especiais de protecção das pessoas do grupo de risco já foram revogadas no dia 22 de Junho. Pessoas idosas, com doenças e agora também grávidas não podem exigir fazer teletrabalho ou tarefas onde o risco seja menor. Mas se faz parte do grupo de risco, fale com o seu chefe. A empresa tem de providenciar maior protecção no local de trabalho.

Protecção para todos

Legalmente, o empregador é obrigado a garantir a protecção da saúde dos trabalhadores. Por isso, tem de aplicar as medidas de higiene e de protecção indicadas pela Direcção Federal de Saúde (BAG/OFSP). Se a sua empresa não garante estas medidas, chame a atenção do seu empregador por escrito para este facto. Se a situação não melhorar, tem direito a recusar fazer o trabalho. Mas recomendamos que, neste caso, contacte antes a inspecção cantonal do trabalho e/ou o sindicato.

Quarentena e salário

As disposições relativas à quarentena levantam muitas questões jurídicas ainda não esclarecidas. Há que distinguir diferentes situações:

- Se passar as férias numa região de risco, tem de fazer quarentena ao chegar à Suíça. Se a região já tinha sido declarada região de risco quando partiu, não tem direito ao seu salário. Se a região ainda não era considerada região de risco, teoricamente não há motivo para que não tenha direito ao salário. Se tiver dúvidas, dirija-se ao seu secretariado Unia.
- Esteve num clube, houve lá infecções e mandaram-no ficar de quarentena. Correu um certo risco, mas dentro de um âmbito legal – os clubes podem abrir, desde que cumpram com as regras de higiene. Teoricamente tem o direito de continuar a receber o salário. Informe-se no seu secretariado Unia.

Só tem direito ao seu salário se um médico ou as autoridades de saúde lhe ordenarem quarentena. Se puder fazer teletrabalho, tem direito a receber o seu salário na totalidade.

Martin Jakob, work n.º 13, 21.08.2020 (adaptado)

Pergunte, que nós respondemos

Desempregado: Tenho de ter trabalhado na Suíça durante um ano para receber subsídio de desemprego?

Eu vivia na Espanha. Mas recebi uma interessante oferta de emprego no sector da gastronomia na Suíça e transferi a minha residência para cá. Infelizmente, o meu chefe despediu-me após sete meses porque o negócio não estava a correr bem. Ouvi dizer que na Suíça só tem direito ao subsídio de desemprego quem tiver trabalhado durante pelo menos 12 meses. É verdade?

MARKUS WIDMER: Não necessariamente. No âmbito dos acordos bilaterais, o tempo que trabalhou em Espanha ou noutro país da UE pode ser adicionado ao tempo de trabalho na Suíça. Por favor, contacte nesse sentido as autoridades espanholas competentes. Peça a confirmação dos períodos de descontos que fez na Espanha. Emitir-lhe-ão um formulário PD-U1, no qual constarão as suas quotas. Entregue este formulário na Caixa de Desemprego da sua escolha. Se nos últimos dois anos tiver trabalhado em Espanha ou noutro país da UE durante mais de cinco meses, atinge, juntando os sete meses que trabalhou na Suíça, o período mínimo de contribuição de doze meses para ter direito às prestações do seguro de desemprego. Neste caso, se preencher todos os outros requisitos, tem direito ao subsídio de desemprego.

Work, 26 de Junho de 2020, adaptado

Redução das férias: é permitida quando se recebe subsídio para horário de trabalho reduzido?

No ano passado estive doente durante mais de um mês. Consequentemente, a minha empresa reduziu o meu tempo de férias. Devido à crise do coronavírus, a empresa requereu subsídio para horário de trabalho reduzido para os trabalhadores. Por isso, receio que me voltem a reduzir o tempo de férias. Isto é permitido?

MYRIAM MUFF: Não. As condições para a redução das férias estão estipuladas na alínea b do art.º 329.º do Direito das Obrigações. Receber subsídio para horário de trabalho reduzido não está previsto como causa para uma redução das férias. A redução das férias só é permitida nos seguintes casos: se um trabalhador estiver impossibilitado de trabalhar por negligência da sua parte ou se um trabalhador estiver incapacitado de trabalhar devido a doença, acidente, cumprimento de obrigações legais, exercício de cargos públicos ou licença para trabalho juvenil. Não há qualquer redução se o impedimento para trabalhar for inferior a um mês por ano de serviço ou se a causa for alheia ao trabalhador e não estiver prevista na lei, como é horário de trabalho reduzido.

Work, 12 de Junho de 2020

Desempregada: Posso procurar trabalho num país da UE?

Trabalho há vários anos na Suíça numa boutique de roupas. Infelizmente, porque tem pouco trabalho, a empresa despediu-me e inscrevi-me no Centro Regional de Emprego (RAV/ORP/URC). A minha família está em Portugal e disseram-me que, embora a situação esteja difícil, talvez encontre lá um emprego porque falo várias línguas. Estou a pensar ir lá procurar trabalho durante dois ou três meses. Posso inscrever-me no desemprego em Portugal e continuar a receber as prestações da Suíça?

MARKUS WIDMER: Sim, pode. Para isso tem de fazer um requerimento ao seu Centro Regional de Emprego (RAV/ORP/URC). Tenha em conta que, primeiro, tem de procurar trabalho na Suíça pelo menos durante quatro semanas. A exportação das prestações pode ser feita por um máximo de três meses e só é possível para países da UE/EFTA. Para a exportação das prestações, necessita de um formulário PD-U2, que poderá obter no RAV/ORP/URC. Depois, terá um prazo de sete dias, a partir do prazo do início da exportação, para se inscrever no centro de emprego (do Instituto de Emprego e Formação Profissional) mais próximo da sua área de residência em Portugal. Lá terá de cumprir com as normas de controlo válidas para as pessoas desempregadas em Portugal. Quanto ao valor da prestação, receberá o mesmo que estava a receber na Suíça. Receberá o dinheiro através da mesma conta bancária suíça em que vinha recebendo o dinheiro até agora.

Work, 26.6.2020, adaptado

Construção civil: Cursos em Portugal e na Espanha Formação que vale a pena!

Hélder Castro chegou à Suíça em 2012. Tinha terminado o curso em engenharia civil na Universidade da Beira em 2009, em plena crise financeira. A construção em Portugal estava quase parada, cerca de 80% dos trabalhadores perderam o emprego. Não havia trabalho no ramo. Veio para a Suíça, como muitos outros, à procura de trabalho e de uma vida melhor. Hoje trabalha no departamento de segurança de uma empresa de construção. O curso do Projecto Portugal foi um passo importante no seu percurso profissional.

Marília Mendes

Hélder, é responsável pela segurança ferroviária numa obra dos caminhos de ferro nos Grisões. Como chegou aí?

Fiz muita formação. Quando cheguei à Suíça, comecei a trabalhar na cozinha de um hotel. Foi o que consegui arranjar. Depois passei para a construção como trabalhador não qualificado. Mas comecei logo a frequentar cursos de alemão. Porque não saber o alemão era o primeiro grande entrave a uma posição laboral melhor. E depois fui fazendo formações, por último para poder coordenar a segurança das máquinas nas obras, que é o que faço agora. Não é fácil. Tem de se investir tempo, dinheiro e energia na formação. E às vezes falta tempo para a família. Mas é o único caminho para conseguirmos uma boa posição profissional.

Como foi para um engenheiro civil trabalhar como trabalhador não qualificado?

Nas obras sou um trabalhador como outro qualquer. Tenho mais conhecimentos teóricos, mas os meus colegas, sobretudo os mais velhos, sabem muito mais da prática do que eu. Não nego que no princípio foi algo frustrante. Sobretudo por notar que há um certo estigma de se ser português. Aprendi muito nas obras. Não só a trabalhar, mas também sobre a importância de sermos reconhecidos como pessoas e trabalhadores.

Fiz o curso do Projecto Portugal. Porque o fez?

Quando cheguei à empresa da construção onde trabalhava, ouvi colegas dizerem que tinham feito o curso e que isso tinha sido importante para eles. Todos falavam bem do curso. Quando o chefe me propôs fazê-lo, não hesitei. Era uma oportunidade de aprender mais, de conhecer melhor algumas técnicas de trabalho suíças.

E valeu a pena?

Valeu. Aprendi muito. O ambiente no meu grupo era excelente, havia muito intercâmbio e ajuda. Claro que isso tem a ver com as pessoas do grupo. Mas depende também dos instrutores, se eles sabem favorecer as trocas e apoiam os formandos. Ali isso era possível, até fiz lá amizades. Profissionalmente o curso ajudou-me muito. Havia coisas práticas de que não tinha noção. Fiquei com boas ferramentas para utilizar no mundo do trabalho. É isso que se espera de um curso: não saímos de lá a saber tudo, mas temos ferramentas úteis para o trabalho.

Recomendaria o curso a outros colegas?

Sem dúvida. Aprendemos as formas de trabalhar na Suíça e isso é importante para sermos bons profissionais. E a formação valoriza-nos. Eu vejo que os portugueses trabalham no duro nas obras, mas nem sempre são devidamente valorizados. Dependemos da boa vontade dos chefes e muitos abusam. Alguns trabalhadores têm receio e não se defendem. Claro, a situação é complexa, a lei laboral protege-nos pouco. Mas conhecer a língua local e fazer formação contribuem para que nos sintamos mais seguros e tenhamos mais autoconfiança. Também por isso o curso é importante.

E agora, quais são os seus planos para o futuro?

Tenho planos para formações relacionadas com a ferrovia, uma velha paixão minha. Gosto de aprender. E sinto que com mais formação sou mais respeitado. Além de obter melhores condições de trabalho, claro. Recomendo a todos os colegas, sobretudo aos mais jovens, que não parem. Temos muitas oportunidades de formação, há que aproveitá-las. É difícil, sobretudo por causa da língua. Mas é gratificante e vantajoso quando conseguimos.



Hélder Castro (à esquerda) conversa com os responsáveis técnicos do curso e o seu instrutor

Estão abertas as inscrições para os cursos do Projecto Portugal e da Operación España

Nestes cursos profissionais da construção civil, os trabalhadores portugueses e espanhóis a trabalhar na Suíça aprendem a conhecer melhor os métodos de trabalho e materiais suíços. É uma boa oportunidade de aperfeiçoamento e valorização profissional. Depois da aprovação do fundo paritário, os cursos são gratuitos para o trabalhador.

Data dos cursos

4 de Janeiro a 26 de Fevereiro 2021

Centros de formação em Portugal:

- CICCOPN em Avioso, perto do Porto www.ciccopn.pt
- CENFIC no Prior Velho, perto de Lisboa www.cenfic.pt

Centro de formação em Espanha:

- Fundación Laboral de la Construcción em Santiago de Compostela galicia.fundacionlaboral.org/formacion/centro/santiago-de-compostela

Inscrições

As inscrições são feitas pelo empregador.

Prazo: quarta-feira, 4 de Novembro de 2020

Fichas de inscrição em: bit.ly/3hstmDM

Informe-se sobre os cursos e como se inscrever no seu secretariado Unia ou através de migration@unia.ch.